

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 238 — Domingo, 29 de Dezembro de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FABRICA DE CARIMBOS

PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO

AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS

PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

AVENÇA

MENOS TEMPO PARA SER UTIL!...

POUCAS horas faltam para 1957 nos deixar, dando lugar ao seu irmão que, como é hábito, se chamará Ano Novo.

Também, seguindo a tradição, o fechar de um e o abrir do outro serão assinalados com manifestações de alegria, luz, ruído e alguma emoção, a emoção própria dos momentos de esperança em melhores dias.

No entanto algo de errado há nesta apoteose, pobre ou rica, conforme os meios e pessoas, mas sempre apoteose. E' que o terminar de um ano não deve representar motivo de euforia pois o seu fim é, ao contrário, fatal acontecimento que diminui valores e possibilidades, possibilidades de acção, valores de tempo, tempo irrecuperável. Receber do calendário a mudança das condições de vida, a transformação das razões dessa mesma vida é em síntese aquilo que se espera miraculosamente do ultimo badalar das doze horas da noite de S. Silvestre. E ao festejar esse nada que separa o ano que findou do que se vai viver, achamos preferível crer no futuro e esquecer tudo o mais.

Defeito, necessidade, fu-



Figuras da actualidade

Robert Lacost

MINISTRO — Residente da França em Argel tem desenvolvido a mais intensa actividade no sentido de solucionar a crise da Argélia.

Seus esforços, porém, não têm dado os frutos necessários. Os homens são impotentes perante as forças do fanatismo. Esteja a razão do lado da França ou dos argelinos será difícil uns imporem aos outros, pelo terrorismo ou pela força das armas a sua razão ou os seus direitos. O antagonismo é profundo e difícil de resolver com palavras ou com luta. Ambas as partes lutaram até ao máximo das suas forças e vencerá, certamente, aquela que conseguir prolongá-la um pouco mais, Todavia não terminará aí a

(CONCLUI 4.ª NA PAGINA)

OCTÁVIO DE CAMPOS — O ESCRITOR E O AMIGO

Chamar-lhe um soldado das letras portuguesas, talvez não defina bem o vulto da obra literária de Octávio de Campos. Chamar-lhe um vitorioso no meio literário não só define o homem como o escritor e amigo. Mas Octávio de Campos não pode achar-se já vitorioso. O seu nome já conhecido nas mais diferentes publicações literárias de Portugal, Espanha, França e Argentina, tem muito ainda para nos legar. Dele, desse escritor e amigo, eu, e tantos que a sua simpatia vem conquistando, esperamos sempre com ansiedade de os belos escritos que se distribuem na investigação, na crítica, enfim... Octávio de Campos é o escritor autêntico.

Soldado das letras. Combatente pela cultura. Uma intensa

colaboração, uma vida dedicada, às lides literárias: Octávio de Campos, escritor, jornalista e conferencista.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

FRANCISCO COTA



CARTA DE LONGE

MACAU E A IMPRENSA ESTRANGEIRA

NOS jornais da vizinha colónia de Hong-Kong, onde a nossa vetusta província de Macau é por vezes atacada, em geral sem razão, publicam-se artigos que é para lamentar não haja qualquer estação ou autoridade oficial que os rebata, desfazendo afirmações por vezes aleivosas e prejudiciais ao prestígio de Portugal nestas paragens distantes.

Como em Hong-Kong há absoluta liberdade de imprensa, é fácil beliscar e até ofender os vizinhos, tanto mais quando estes não reagem e muito menos recorrem aos tribunais a pedir contas a aqueles que menos prezam a nossa administração que, especialmente no campo político, consegue dar lições, mantendo a paz e o sossego que, por vezes, se não disfrutam nas colónias inglesas, já hoje muito reduzidas.

No «Sunday Standard» de Hong-

POR J. CARVALHO E RÊGO

-Kong, de 15 de Outubro findo, em notícia do «Chicago Daily News Service», fazem-se afirmações desprimorosas à nossa administração, criticando a vida de Macau exactamente no que ela tem de mais admirável, ou seja a ordem e a disciplina que se verificam entre os chineses nacionalistas e comunistas aqui residentes.

De forma depreciativa e petulante, diz a referida notícia:

«Portugal que se recusa a reconhecer a China Comunista, faz o possível para não ofender o Governo de Peking, pela simples razão de que todos os alimentos que se consomem em Macau vêm deste país. No entanto Portugal reconhece a China Nacionalista do regime de Taiwan. Mas se os comunistas quiserem tomar Ma-

cau, nada poderão fazer os nacionalistas.»

«Os nacionalistas têm representação diplomática em Macau, mas se querem dar um «cocktail party» servem-se de um hotel pertencente a um sindicato pro-comunista.»

«Em Macau os pobres refugiados do «mainland» são anti-comunistas, e os chineses ricos são comunistas. Os ricos fizeram a sua fortuna vendendo material estratégico aos vermelhos, durante a guerra da Coreia.»

«Macau mostra o mais antigo farol do Extremo-Oriente, e é o mais antigo posto missionário destas paragens. Mas hoje o catolicismo e o comunismo florescem lado a lado nas escolas de Macau.»

«Os comunistas também vão à missa: diz um padre espanhol. E isto assim é que está bem. Deus não quer saber de política.»

«Nos dias das festas nacionalistas e comunistas, as bandeiras flutuam lado a lado, e ninguém repara nisto.»

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

CURSO DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Premiando o esforço e abnegação pelo estudo, realizou-se no passado dia 27 do corrente, a distribuição de prémios aos alunos que mais se distinguiram no Curso de Educação de Adultos, no ano de 1957.

Em pequenas festas, mas de alto significado para os contemplados, e servindo de estímulo para os demais, foram premiados os seguintes alunos:

Vila Real de Santo António — 3.ª classe: Maria Elena Estevão, Francisco Fernandes Martins — 4.ª classe: José Mascarenhas Tamissa, Florinda Ribeiro e Tito José Ferreira Queiroga.

Vila Nova de Cacela — 5.ª classe: Isidro José dos Santos, António Zacarias da Silva — 4.ª classe: José Gonçalves Gomes e Manuel Luís da Conceição Silva.

A distribuição dos prémios, foi feita nos cursos frequentados pelos premiados e na presença de todos os alunos. Os prémios eram constituídos por livros da «Coleção Educativa» da Campanha Nacional da Educação de Adultos.

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

A FAUNA HUMANA...

VOCAÇÕES ERRADAS

A última semana de Novembro deste ano, faleceu em Lisboa um velho amigo meu. Devia contar menos dois ou três anos e a sua morte, esperada havia já algum tempo, comoveu-me.

Era farmacêutico, republicano do meu tempo e amigo há perto de 70 anos.

Quando vinha a Portimão, nunca deixava de me visitar e conversar comigo; quando eu ia a Lisboa, com vagar e saúde, correspondia-lhe com igual dedicação.

A última vez que visitou o Algarve, deve haver seis anos, disse-me que vinha despedir-se da sua terra e dos amigos.

Acompanhava-o o José, seu ir-

POR

MARGOS ALGARVE

mão mais novo, escrivão de Direito na capital. Eram muito amigos, cultos e liberais.

O José faleceu há três anos, vítima de um cirro no fígado. Bom moço, alegre, solteiro e sem compromisso... O Luís casou e tinha três filhos — um rapaz e duas raparigas, vivos e inteligentes. Ele formou-se em Direito e uma delas estudava medicina. Eram todos adorados pelo pai e a mãe.

O meu amigo via nos dois estudantes um prolongamento da sua existência, do seu nome e da sua personalidade.

O filho meteu-se em política e esteve preso algumas vezes; depois resolveu ir para o Brasil arrear as suas ideias avançadas; a filha interrompeu o estudo e casou. E' feliz, vive bem. Mas o pai

COMPARTICIPAÇÕES

PARA O ALGARVE

Para o prosseguimento de várias obras em curso na nossa província, foram concedidos pelo sr. Ministro das Obras Públicas os seguintes reforços de comparticipação, provenientes da verba do Fundo de Desemprego:

À Direcção da F. N. A. T., 90.000\$00 para adaptação do seu edifício da Praia de Albufeira a Colónia de Férias de Trabalhadores; à Câmara Municipal de Alcoutim, 1.704\$00 para a construção de um cemitério na aldeia sede da freguesia de Martinlongo; à Santa Casa da Misericórdia de Olhão, 50.000\$00 para a construção do Centro de Assistência Social Polivalente, e à Junta de Turismo de Armação de Pera, 105.000\$00 para construção do seu edifício-sede.

LOULÉ — o seu último conde e o seu primeiro duque

PELO MAJOR SOUSA NUNES

GOSTINHO de Mendonça Romão de Moura Barreto, 10.º Conde de Vale de Reis, 24.º senhor da Azambuja, 14.º Senhor de Quarteira e 1.º Marquês de Loulé, comandou um dos regimentos de cavalaria da legião portuguesa, ao serviço de Napoleão.

Acompanhou a Portugal a 3.ª Invasão Francesa, como simples guia, não tomando parte em nenhum combate contra os exércitos da sua pátria. Apesar disso, os tribunais militares portugueses não puderam deixar de o condenar à morte, em 21 de Novembro de 1811.

Esta condenação obrigou a permanecer em homisio até 1818, em que sua irmã Eugénia, dama de D. Carlota Joaquina, lhe obteve de seu marido o perdão e com ele o ser reentregado em todos os seus cargos, bens e honras, e até o valimento do próprio Monarca, a quem foi servir no Brasil, regressando a Portugal em 1821,

é que viu desabar o seu alto sonho de possuir um Laboratório... Um Laboratório era então o Eldorado da maioria dos farmacêuticos de Lisboa, Porto e Coimbra!

Lá fora, é claro, essa doença mental e industrial era já do domínio público.

Em Portugal, graças a Deus, creio que as autoridades competentes colocaram um travão a essa epidemia de curar todos nós...

O meu amigo contou-me este

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Contos Góticos

Por D. MARIA MANUELA NUNES

O tempo novo

A senhora Maria é mulher a dias. Apareceu-me ontem aqui, muita aflita, para lhe preencher o papelucho da Junta para o atestado de pobreza. O marido deu-lhe uma cólica salvo seja aqui, foi levado ao hospital e por lá está o esgrapadinho numa cama. E acrescenta tão grande cópia de pormenores chocantes que eu me esqueço do falar curioso dela e me ponho também a fazer beicinho.

Mas as lágrimas secam depressa nos olhos do povo. O povo gosta de ser feliz, de viver plenamente, de espiares porque como dizia o marinheiro velho de meu pai «a alegria faz-se para o coração do homem». A senhora Maria não tarda que passe da doença má do seu homem para o namoro feliz da filha que vai casar logo que o pai regresso do hospital.

— Agora só para o ano, com certeza — afirma ela — o senhor Doutor disse ao meu marido que tinha de lhe ir a operação, de modo que o casamento é para o ano.

— Nunca a senhora Maria esperou um ano novo com tanta antecidade — digo.

— Ah, isso não. E depois de uma breve pausa: — Sabe a senhora? Os pobres esperam o tempo novo com satisfação e sabe porque? Não sabe? Então eu lhe digo.

E recita uns versos que não escrevi porque julguei decorados e agora não me recordam. Sei apenas que terminavam nestes dets:

Quem nada tem pra roubar deixa sempre a porta aberta...

Senhora Maria filósofa. Sim.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

quando já corria muito agitada a política no país.

A dissidência e a disseminação das ideias liberais começavam a fazer germinar no ânimo dos portugueses e que tanto sangue havia de mais tarde fazer derramar, tinha as suas raízes mesmo dentro do palácio real.

D. Carlota Joaquina e o Infante

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

2.º Tenente

Manuel F. dos S. Domingues

Por portaria de 6 do corrente, do Ministério da Educação Nacional, foi nomeado professor provisório do 6.º grupo-1.º grau, da Escola Industrial e Comercial de Faro, o nosso estimado amigo sr. 2.º Ten. Manuel Francisco dos Santos Domingues, chefe de Contabilidade da Capitania do Porto de Faro e da Esquadilha de Fiscalização do Sul, a quem endereçamos as nossas felicitações.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, encontra-se nesta vila, a passar a quadra festiva, o nosso estimado amigo e assinante sr. dr. Jorge Lopes Bonança.

Retirou para Lisboa acompanhado de sua esposa, depois de passar as festividades do Natal, em casa de seus pais, o nosso prezado amigo sr. José Manuel Camarada Pereira.

Acompanhado de sua esposa e de sua gentil filha, encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo e assinante sr. dr. Diamantino Duarte Baltazar.

Igualmente vindo de Lisboa, encontra-se entre nós o nosso estimado amigo e prezado assinante na Capital sr. Eurico Duarte Baltazar.

A passar a quadra festiva do Natal, encontra-se em casa de seus pais, o nosso estimado amigo sr. dr. Fernando Alvares, filho do nosso querido amigo sr. Manuel Rodrigues Alvares.

Em casa de seus pais encontra-se a passar as férias do Natal o nosso estimado amigo sr. José Correia Afonso Castanheira.

Retirou para Beja, onde reside, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo sr. Francisco Carança Cipriano.

Encontra-se nesta vila, a passar as festas do Natal, a nossa prezada assinante sr.ª D. Norma Vaz Pires.

Passando as festas com a sua família, encontra-se entre nós o nosso prezado amigo sr. José Saraiva Rosa.

A passar as férias do Natal, encontram-se nesta vila em casa de seus pais, os estudantes srs. Raul Folques de Brito, Manuel Vaz Rodrigues Clemente, José Eduardo Capa Horta Correia, Eduardo V. da Silva Cavaco, José Vasques da Silva Cavaco, António Domingos Mateus da Silva, Raul Domingos Mateus da Silva, Rui Correia Pacheco, António Ruivinho, Fernando Marques, Victor Teixeira Marques, Sebastião Dias Santos Silva, Manuel José Cipriano e João Manuel Machado Paisca.

Vindo de Coimbra encontra-se nesta vila, em casa de seus pais, o nosso estimado amigo sr. Alvaro Campero Munhoz.

Regressaram de Matozinhos a esposa e filhos do nosso prezado assinante sr. João Borges Salas.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. Domingos António Afonso.

Retirou para Lisboa depois de ter passado as festividades do Natal com a família, o nosso estimado amigo e colaborador, sr. Victor da Silva Vainor.

Acompanhado de sua filha, que foi sugelatar-se a um tratamento médico, seguiu para Lisboa, a esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. José Bento Junior.

Igualmente retirou para o Barreiro depois de passar o Natal em casa de seus pais, o nosso estimado amigo sr. Francisco Salvador Salas.

Com pouca demora esteve em Castro Marim, o nosso prezado assinante em Lisboa, sr. Carlos Mães Gonçalves.

Acompanhada de sua família encontra-se em Castro Marim a passar as festividades do Natal, o nosso prezado assinante sr. dr. Joaquim Vaz Palma.

Com sua esposa e filhas encontra-se passando as férias em Castro Marim o sr. Custódio Afonso Anastácio.

Acompanhado de sua esposa esteve em Castro Marim, o nosso prezado assinante sr. João Alves Botelho.

Regressou de Lisboa onde foi passar as festividades do Natal, com sua família, o nosso prezado amigo sr. Manuel Fernandes Ribeiro.

JÚLIO PADESCA

PUBLICIDADE GERAL

Estudos—Produção Corretagem

TELEFONE 56450

Rua de Santa Maria, 76 — LISBOA

Biblioteca é um conceito em contínua evolução

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

Até ao século XIX — por vezes até este mesmo século — o bibliotecário conformara-se em atender o público que procurava a biblioteca. Porém, o conceito actual desta, impõe ao bibliotecário do presente, não só que se mostre como um amável orientador do público que chega, como seja um missionário da cultura, um higienista da leitura, um médico do espírito — não era em vão que se dizia numa biblioteca egípcia de há três mil anos que os «livros são os remédios da alma» —, para atrair novos leitores e guiá-los logo pela «selva» dos livros.

«Compete ao bibliotecário — disse num discurso Mr. Zvons director da Biblioteca do Congresso de Washinton — ser o primeiro a reconhecer a transcendência política e social da sua missão; apreciar os poderosos recursos que a nação põe nas suas mãos, não exclusivamente para catalogar livros, que é o meio, mas para intensificar os seus serviços, a difusão do livro e a prática do estudo e da leitura, fazendo-os chegar a todos os confins, persuadindo de que o bem estar, a felicidade, a elevação do nível de vida, o aperfeiçoamento moral do povo está em grande parte nas suas mãos...»

A evolução do conceito «biblioteca» é muito mais profundo do que parece à primeira vista. Este conceito tem hoje uma extensão e uma profundidade extraordinariamente maiores. O mero depósito de livros converteu-se em centro de investigação, de educação e de cultura; porém, centro expansivo e dinâmico, de um altruísmo e de uma tão ampla e generosa actividade à qual não chega — por sua

especialização ou limitação — nenhum centro docente. E essa generosa missão bibliotecária não é só a gratuidade dos seus serviços, senão mesmo o seu afã espiritualizador junto das massas, atraíndo-as aos bons livros, orientando-as, educando-as sob os mais variados aspectos: cívico, moral, cultural, estético, etc.

Como adverte Collijn, «a função da biblioteca moderna consiste em dar e em criar e não apenas em receber». Assim, pode Alvin Johnson assinalar que «a biblioteca pública é a instituição plenamente competente para que, mercê das facilidades que concede para a auto-educação, o indivíduo possa acompanhar satisfatoriamente os extraordinários progressos que, com inesperada rapidez, vai oferecendo este mundo em mudança. Potencialmente, é a melhor fonte de ensino e de auto-educação dos povos, verdadeira universidade de todo o mundo».

Podemos deduzir do exposto, que a biblioteca é uma instituição cujo fundamento se baseia numa constante e renovada evolução. Não é agora como foi antes, nem será amanhã como é hoje. Por esta razão a palavra «biblioteca» não deve entender-se actualmente no seu estrito significado etimológico. Através dos tempos, e sobretudo nos nossos dias, enriqueceu sobremaneira de um operante e extenso conteúdo social.

A seguir: «Desequilíbrio entre a rápida evolução actual do conceito «Biblioteca» e a sua lenta penetração social».

Tradução de José dos Santos Marques

A POSIÇÃO DAS FRUTAS na exportação portuguesa

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

neladas no valor de 164.758 contos! Em 1955 a exportação atingiu o nível máximo com 9.641 toneladas no valor de 283.457 contos.

A França foi, no quinquênio 1952-56 o principal comprador de amêndoa em casca (217 toneladas), seguida da Inglaterra (96 toneladas), Brasil (86), Bélgica (67) e Ultramar Português (60).

No que respeita a miolo de amêndoa foi a Inglaterra o nosso principal mercado naquele mesmo quinquênio (2.483 toneladas), seguida pela França (827), Bélgica (593), Suécia (562), Alemanha (441), Irlanda (386), etc.

CONSERVAS — As possibilidades potenciais de produção e exportação de conservas de

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

O povo não tem nada a temer do tempo novo. No dizer da minha amiga senhora Maria «tudo o que vem é lucrativo.»

Para festejar a hora

Sou um pouco bicho do mato, confesso, lisonha. Sei que a alegria é a feição do tempo para vir e no entanto, sabendo isso embora, não sou alegre como convinha. Uma criança amarelinha de fome, um homem doente e sem carinhos, uma mulher à procura de emprego arrostado com todos os perigos para ganhar o pão, deixam-me num estado depressivo difícil de imaginar. Dizem-me que não tenho razão. Que não devo perder a «perspectiva histórica». Que devo recordar-me que, há poucos séculos ainda, a situação do povo era bem mais angustiosa. A fome, nesses tempos, era quase geral, com a excepção de meia dúzia de favorecidos. E talvez não houvesse, nessa altura, uma Maria Manuela de coração sangrando com o sofrimento alheio. Isto prova que houve melhora, que hora a hora Deus melhora, que o pão vai crescendo e vai crescendo a consciência do povo...
O meu amigo C. M. também diz que é preciso fazer a apologia do sorriso, que é preciso cantar, abandonar as cores tenebrosas e empregar as tintas felizes com que, todos os dias, o dia nasce...

Sim. É preciso cantar, Manuela. Com um nó na garganta, embora. Mas cantar, para festejar a hora.

Maria Manuela Nunes

frutas e de produtos hortícolas em Portugal afiguram-se bastante grandes. E' de esperar que o actual esforço de industrialização se venha a exercer em indústrias que aproveitem a excelente matéria-prima portuguesa.

Actualmente, com peso na exportação, figuram apenas duas conservas: a das azeitonas e a dos derivados de tomate.

Nas azeitonas de conserva destinadas aos mercados externos consideram-se os seguintes tipos regionais: a) — Elvas; b) — Douro.

Além destes consideram-se ainda os dois tipos gerais: a) — Verdes; b) — Pretas.

Produzem-se ainda azeitonas recheadas com produtos diversos (pimento, cebola, amêndoa, etc.), de boa aceitação pelos mercados importadores e consumidas como aperitivo. As azeitonas podem ser exportadas em embalagens definitivas de folha de Flandres ou vidros ou em barris quando se destinem a ser embaladas no destino. Das conservas de tomate a produzida em maior quantidade é o concentrado de tomate, cuja qualidade não recebe confronto com o de qualquer outra origem.

A exportação média foi, no quinquênio 1952-56, de 3.158 toneladas. Este quantitativo tende a aumentar com a entrada em funcionamento de novas fábricas.

CINE-FOZ

Hoje = Em Cinemascope «O RAPAZ E O TOURO» com uma interpretação genial de Michel Ray.

A enternecedora história de um garoto que ama um touro que criou.

Segunda-feira = O filme português «O JOÃO RATAO» com Oscar de Lemos, António Silva e Costinha.

Quarta-feira = Dia de Ano Novo, o magnífico filme colorido «DIABRURAS DE JANE» com a encantadora cantora Doris Day.

Sexta-feira = Em cinemascope «FROU FROU» um magistral filme de Augusto Genina.

A HOLANDA EM 5 MINUTOS RUMO ÀS ILHAS DO NORTE

Den Helder é uma cidade holandesa superlativamente costeira, que fica situada no ponto inicial da cauda partida desse leão de pé que o mapa de Holanna parece reproduzir. A cauda própria dita do leão é formada pelas ilhas do norte do país, em número aproximado de doze. Sustenta, Den Helder, os ataques do Mar do Norte, que investe contra a ampla linha costeira, e resiste bem, defendida por um dos diques indispensáveis à protecção das populações e dos campos do país. Neste caso particular, trata-se de um dique de granito trazido da Noruega, uma vez que um muro de outro material seria destruído pelo mar ao primeiro choque.

O quebramar é também poderoso e o oceano, em que cada investida lançada contra Den Helder é obrigado a recuar, por onde veio, sem conseguir penetrar entre as defesas costeiras.

Quando Den Helder baixa os olhos, avista, em primeiro lugar, seu porto militar de Nieuwedijk, onde se encontra a Escola Naval Holandesa. Mais adiante, avista-se o «Polder» do Wieringermeer, quer dizer, do lago de Wieringen, que uniu a Ilha de Wieringen à costa, no então «Zuiderzee», hoje Lago Yssel, a cujo respeito tem-se que falar constantemente, quando se trata da Holanda.

O habitante de Den Helder procura, então, um ponto bem adequado para mostrar ao visitante a grande-

za do Mar do Norte, tão frequentemente tempestuoso, e afirma, com orgulho: — Este é um mar de verdade e Den Helder é uma verdadeira cidade marítima, a mais marítima de todo o país.

Realmente, os navios de guerra que se avistam confirmam a veracidade de tal asserção, embora a presença do barco que conduz os visitantes às ilhas próximas nos faça lembrar que, afinal de contas, estamos nos Países-Baixos, cujo povo está acostumado a privar o oceano de seus impetos de fúria, com o domínio que tem sobre suas águas.

A' distância não muito grande de Den Helder, encontra-se o famoso dique do Zuiderzee, com 32 quilómetros de extensão, atravessados por uma rodovia, que cruza o mar, na aceção rigorosa da expressão, e indo se apoiar, na outra extremidade, na Frisia, a mágica região dos inúmeros lagos, repletos de barcos de vela, no verão, e de patinadores no inverno.

De Den Helder, através de uma viagem de quarenta minutos, alcança-se a paradisíaca Ilha de Texel, a maior da cadeia de ilhas situadas ao norte dos Países-Baixos, formando, como dizem os holandeses, um colar de pérolas. Texel é a ilha das ovelhas, das aves e das urzes. Se o habitante de Den Helder se mostra orgulhoso com seu mar, os da ilha de Texel se mostram orgulhosos com suas aves marinhas. Realmente, vale a pena visitar o museu de aves da ilha que existe na encantadora localidade de Burg. Muito mais interessante, porém, é admirar as aves que, em grandes bandos, sobrevoam a ilha e o mar e o Lago Yssel, onde, na estação estival, inúmeros barcos navegam, repletos de gente alegre e despreocupada, que parece estar mesmo navegando rumo ao porto da felicidade.

Maria Virtudes Luque

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 21 a 27 de Dezembro:

TRAINEIRAS

Brisa	21.650\$00
Flor do Guadiana	18.615\$00
Agadão	18.470\$00
Tôluis	17.749\$00
Pérola do Guadiana	14.570\$00
Flor do Norte	12.865\$00
Conceçanita	12.455\$00
Liberta	10.565\$00
Rajada	9.220\$00
Clarinha	6.995\$00
Estrela do Sul	5.420\$00
Dens te guarde	3.600\$00
Flor do Sul	3.575\$00
Restauração	2.840\$00
Deolinda Rita	2.420\$00
Alvarito	920\$00
Total	161.929\$00

CERCOS

Vulcão	19.455\$00
Amazona	18.060\$00
Total	37.515\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 21 a 27 de Dezembro:

Entrados:

SCHEDIR, Italiano, de 498 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
MIRA TERRA, MARIA CRISTINA e ZE' MANEL, todos de Lisboa, vazios.

Saídos:

LUCIAN, para Liverpool, com alfarroba.
SCHEDIR, para Livorno e Génova, com conservas;
MIRA TERRA, para Lisboa, com minério.
MARIA CRISTINA, para Lisboa, com enxofre.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 28 de Dezembro a 3 de Janeiro a Farmácia CARMO, Rua S. João do Brito — Telefone, 31.

TEATRO NACIONAL POPULAR

A renovação da arte teatral no nosso país, para a qual se congregam as melhores boas vontades e o auxílio substancial dos poderes públicos, começam, sem dúvida, a expressar-se, através de realizações cénicas de apreciável categoria artística.

Este o caso da nova companhia que forma o «Teatro Nacional Popular» — iniciativa que se deve a um notável comediante e estudioso da especialidade: o actor Francisco Ribeiro.

Foi no velho Teatro da Trindade de gloriosas tradições, que o «Teatro Nacional Popular» inaugurou a sua temporada, iniciando-a brilhantemente com a representação de uma peça do mais selecto repertório clássico: a «Noite de Reis», de William Shakespeare, numa escrupulosa versão de Francisco Lage e Francisco Ribeiro.

Para a realização cénica desta difícil obra teatral houve que estudar e resolver, acertadamente, muitos e complexos problemas de ordem técnica e literária e que só a competência, o saber e a dedicação dos seus agentes directos souberam resolver.

De tudo resultou um trabalho de admirável efeito teatral e espectacular, só possível — afirma-se — graças ao subsídio concedido pelo Estado, através do «Fundo de Teatro» do Secretariado Nacional da Informação, auxílio oficial que como é evidente, muito poderá contribuir, e está manifestamente contribuindo, para um efectivo renascimento, em Portugal, de uma actividade artística, em cujo passado inolvidável deveremos buscar as melhores energias e o mais nobre estímulo.

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

Campanha do NATAL
DURANTE O MÉS DE DEZEMBRO

FÁBRICA PORTUGAL

CONCEDE **10%** DE DESCONTO

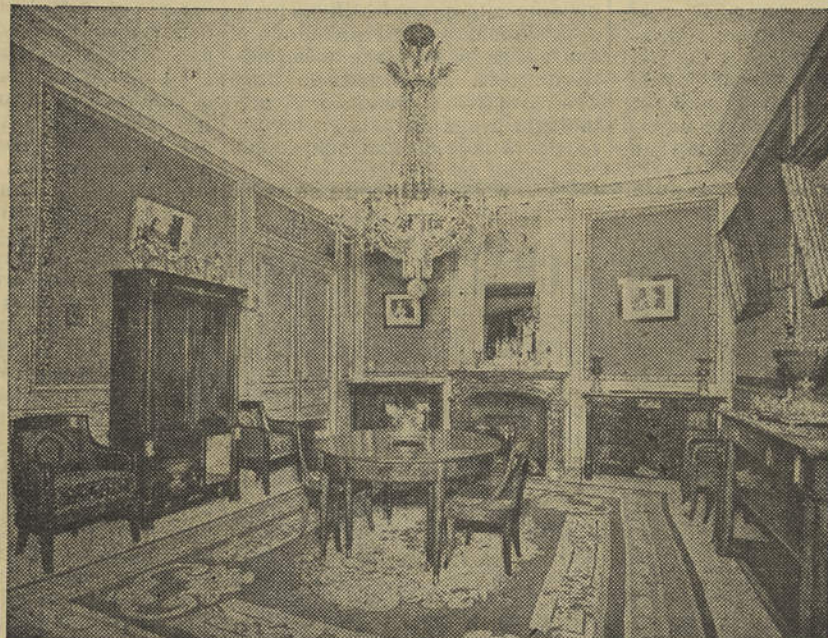



E a oferta de 13 kilos de Gazcidla, nos fogões comprados nos seus Salões de Exposição e Venda:

PRACA DOS RESTAURADORES - RUA FEBO MONIZ
RUA DA GRAÇA
LISBOA

MÓVEIS Janel

ORGANIZAÇÃO MODELO
PARA A DECORAÇÃO DO LAR



GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO
EM TODOS OS ESTILOS NOS SEUS
VASTOS SALÕES DA

Rua Rodrigues Sampaio, 76-A
LISBOA TELEF. 51695

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que Feliciano de Jesus requereu licença para instalar uma oficina de construção naval em madeira (estaleiro), incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada no Largo da Feira, freguesia e concelho de Olhão, distrito de Faro, confrontando ao norte e poente com o referido Largo da Feira, ao sul com a Ria e ao nascente com José Apolinário Pedro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 16 de Dezembro de 1957

O Eng.º Chefe da Circunscrição,
João António da Silva G. Martins

LEITOR

SE COLABORAR PARA A
EXPANSÃO DESTES JORNAL,
QUE TAMBÉM É SEU,
PRESTA UM BOM SERVIÇO
AO ALGARVE.

UM NOVO CELEIRO DA F. N. P. T.

EM 14 do corrente foi inaugurado um novo celeiro construído pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo no concelho de Ferreira do Alentejo, na freguesia de Canhestros.

A cerimónia decorreu entre manifestações de entusiasmo da população, que assim quis traduzir o seu agradecimento e satisfação pelo melhoramento que muito valoriza aquela terra alentejana.

Entre as individualidades presentes encontravam-se o Governador Civil de Beja, dirigentes da F. N. A. T. e o presidente da Câmara de Ferreira do Alentejo.

O sr. dr. Fernando de Vilhena, presidente do Grémio da Louvora local, declarou que «não há um lavrador que não considere perfeita a actuação da F. N. P. T. em qualquer dos seus sectorés: desde o recebimento dos trigos à defesa que nos trouxe com a possibilidade da entrega de milho e centeio. Porque, afinal, dissabores ou atritos que tenham existido ou possa haver, nada são ao lado das vantagens que nos traz, e da segurança económica em que podemos viver».

Falou em seguida o sr. Eng.º Quartim Graça, presidente da F. N. P. T., que depois de afirmar que «

distrito de Beja chama a si 30 por cento da produção de trigo do País» e de se referir à evolução da produção cerealífera alentejana, nomeadamente no concelho de Ferreira do Alentejo, disse: «A Federação dispõe de uma rede de armazenagem privativa de 443 unidades com uma capacidade total de 230 mil toneladas. No distrito de Beja dispõe de 55.000 toneladas de armazenagem e no concelho de Ferreira do Alentejo de 3.000 toneladas. O Eng.º Quartim Graça terminou referindo-se a alguns trabalhos projectados pela Federação e algumas das iniciativas em curso que contribuirão para, num futuro próximo, o organismo poder contribuir ainda melhor para o progresso da Lavoura cerealífera».

Encerrou a sessão o governador civil que se congratulou com o melhoramento trazido ao distrito e saudou os dirigentes e técnicos da F. N. A. T.

NÃO HESITE
Para os seus trabalhos
tipográficos ou carimbos
PREFIRA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
Telefone 59 Apartado 3
Vila Real de Santo António



EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

José da Silva Rodrigues Moraes, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António:

Faz saber, nos termos e para os efeitos do art. 10.º, da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPÚBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL, para o ano de 1958, terão início no dia 2 de Janeiro próximo futuro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos artigos 1.º e 2.º da citada Lei:

São eleitores e, como tal, resençáveis:

1.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português.

2.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais.

3.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- a) — curso geral dos liceus;
- b) — curso do magistério primário;
- c) — curso das escolas de belas artes;
- d) — curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- e) — curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios e comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art. 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbeto ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3 faz-se:

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou a publica forma respectiva, perante a comissão a que

se refere a alínea a) ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art.º 13.º da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento, ao Presidente da Comissão Recensadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar, se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados em jornais deste concelho.

Paços do Concelho, 21 de Dezembro de 1957.

a) José da Silva Rodrigues Moraes

Mensagem do Ano Novo

Vem a barcarola do Novo Ano, carregada de Esperanças.

Quantos sonhos idealizados aguardam o ano que vai nascer para sua realização.

Toda a gente, sem excepção, fantasia que o ano que chega lhe seja propício.

Arquitectam-se e constroem-se, na mente, planos dos mais variados e exóticos.

Quer surja um dia luminoso, de Sol doirado, ou seja um dia de chuva, de vendaval intenso, o dia de Ano Bom é sempre um dia alegre, de risos sonoros, de promessas reconfortantes. Foram para longe tristezas e preocupações. Este dia é feriado para tudo e todos. Em geral, são poucos os que guardam, religiosamente, do ano que acaba, uma recordação suave, feliz e que sempre perdurará.

Na maioria, o ano foi de trabalho, canseiras e desilusões.

A ambição é desmedida e todos querem ostentar uma grandeza que deslumbra os conhecidos...

Mas a par desses existem também os de vida normal, quebrando a cabeça à procura do equilíbrio para o seu viver.

Contudo, se viver é lutar, teremos essa luta contínua, excitante e, com frequência,

PREZADO ASSINANTE

O seu auxílio ao nosso jornal será valiosíssimo, se nos indicar um novo assinante!

desigual. Quem tem coragem e força de vontade, não se deixando dominar com facilidade nas agruras da vida.

E aqueles de ânimo forte mostram, tanta vez, um rosto prazenteiro enquanto o coração sangra...

E a vida, na sua odisseia variada, dolorosa e também com um colorido que deslumbra a vista.

Todavia o sofrimento acompanha mais os sentimentais, as pessoas de sensibilidade apurada que perscrutam nas estrelas e idealizam uma perfeição que está longe de aparecer.

Neste palco da vida, em que cada um interpreta com mais ou menos habilidade o papel que lhe está distribuído, as cenas sucedem-se com uma intensidade emotiva.

E são as crianças, esses pequeninos seres que tanta necessitam de amparo e subsistência, que mais sentem a falta de conforto e de carinho.

Não mais se esquecem depois, à medida que crescem e a desconfiança ficilhaes gravada no semblante.

Por tudo isto, agora que um Novo Ano desponta, é saudá-lo festivamente e cada um de per si pensar intimamente e com satisfação que vai raiar a felicidade para alguns, porque para todos é impossível.

E será o ano 1958 um ano venturoso?

Talvez sim, talvez não!

E' muito natural que recordemos com saudade este ano que termina, que durante ele tudo se foi harmonizando o melhor que a nossa compreensão podia

desejar e que ele, afinal, não foi mau.

Houve paz, uma paz benéfica e salutar e assim ela tivesse havido em todo o Mundo.

Levantemos os olhos ao Céu e, numa súplica fervorosa, imploremos do Senhor a graça de que o Novo Ano seja, pelo menos, semelhante ao Ano Velho!

Natércia Algarve

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Penetração social do conceito «biblioteca» (1)

BIBLIOTECA É UM CONCEITO EM CONTÍNUA EVOLUÇÃO

POR JOSÉ ANTÓNIO PÉREZ-RIOJA

UNIDA ao tempo na Antiguidade, dentro dos mosteiros durante a Idade Média, como museu na época renascentista, a biblioteca veio sendo, até ao século passado, um depósito de livros acessíveis a uns quantos estudiosos. A partir do século XIX, a biblioteca transforma-se radicalmente, abrindo a todos as suas portas. De instituição de privilégio passa a ser uma peça importantíssima do mecanismo social ao serviço da colectividade; con-

verte-se no eixo das mais diversas actividades culturais e adquire o nome de «universidade do povo»; seu primário sentido centripeto cada vez ganha maior amplitude. E assim, numa etapa muito posterior,—etapa cujo pleno desenvolvimento está agora frutificando,—a biblioteca pública abandona a sua antiga passividade e hermetismo para transformar-se num centro activo e dinâmico. A etimologia grega da palavra biblioteca está hoje enriquecida de um

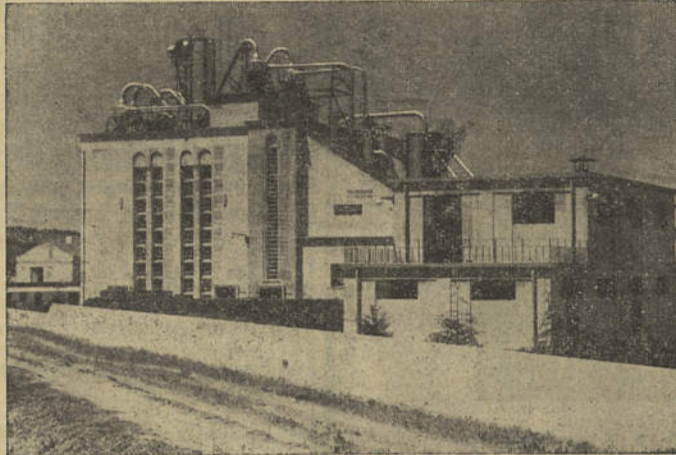
novo e mais profundo conteúdo semântico. Já não é somente o edifício ou a estante que guarda uma colecção de livros, nem tampouco é unicamente essa colecção. Sugere, além disso, um conjunto de leitores. Significa, até, um centro vivo de investigação e informação em vez de ensino e de cultura, simplesmente.

Da biblioteca—museu, limitada a minorias de estudiosos, até à biblioteca pública aberta a todos, que deixa ler dentro dos seus muros ou mesmo fora deles, graças ao empréstimo domiciliário de livros, existe uma distância enorme. Quando, porém, é já normal que a biblioteca se abra à colectividade e dê os seus livros a ler dentro e fora dos seus muros, implica uma conquista social bem mais profunda e mais generosamente cristã, o ambicioso afã que leva os bibliotecários de hoje a converter em leitores aqueles que o não eram; a orientá-los, indicando para cada um o livro adequado; a elevar o nível dos leitores e despertando-lhes a sensibilidade, mediante uma persistente actividade de extensão cultural (exposições, conferências, leituras comentadas, horas infantis, concertos, cinema e teatro educativos, etc.) que ultrapassa a mera função bibliotecária, uma actividade inteiramente necessária para estabelecer o mais harmónico e perfeito contacto entre o livro e o leitor.

Relativamente às necessidades culturais da colectividade, abre-se ao moderno bibliotecário as mais diversas possibilidades de uma acção eficaz e positiva, porque, como afirma Freeman, a biblioteca deve ser o centro das actividades cívicas, culturais e educacionais da comunidade.

Até há pouco, como já advertiu Ortega y Gasset, o bibliotecário ocupava-se do livro-coisa, do livro-objecto material; hoje a sua atenção vai para o livro-função viva e sobre ele exerce um trabalho de polícia.

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)



Uma FÁBRICA DE PRODUTOS CORTICEIROS em Lisboa, protegida das águas pluviais com

«CHALLENGE»

O sistema mais eficaz para impermeabilização de placas e coberturas

Peçam informações ou orçamentos a

V. T. MARTINS

RUA DA PRATA, 59 - 3.º ESQ.

Telef. 23690 - 25721 LISBOA

«CHALLENGE»

É o inimigo n.º 1 da humidade, do frio e do calor.

100 % de vedação Hidrofuga

71 % de Isolamento Térmico

90 % das construções em Portugal são impermeabilizadas segundo o nosso sistema de Telasmástico em camadas múltiplas. Os nossos serviços Técnicos estão ao dispor de V. Ex.ª sem quaisquer encargos.

FÁBRICA ELÉCTRICA E MECÂNICA DE CORDOARIA

IMPORTADORES

EXPORTADORES

Quintas & Quintas

Rua Patrão Sérgio, 49 — End. Teleg: «CORDAS» — Telef. 11 — PÓVOA DE VARZIM

Filiais: Fábrica de Cordoaria LEIXÕES — Telef. 382 LEÇA DA PALMEIRA e POÇA DA BARCA — VILA DO CONDE

SECÇÃO COMERCIAL

RUA CONDE S. SALVADOR, 106 — Telefones, 221 e 1015 — End. Teleg. — CORDAS — MATOSINHOS

DEPÓSITOS

MATOSINHOS — FIGUEIRA DA FOZ — LISBOA — OLHÃO

Agente Depositário em Portimão: Centro Algarvio do Comércio, Lda.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

para a Manufatura de Cabos e Fios de Sisal, Linho, Algodão, Cairo, Linhas de Algodão e Linho

CABOS DE AÇO E CABOS DE ALUMÍNIO-AÇO — CABOS DE COBRE ELECTROLITICOS

CARTA DE LONGE

Macau e a Imprensa Estrangeira

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

«Não obstante a moral católica e comunista, Macau vive do ouro e do jogo. O divertimento do jogo está aberto vinte e quatro horas por dia. Mas o tráfico do ouro é para Macau a principal fonte de receita, desde que o contrabando, de material estratégico deixou de ter lugar.»

«Visto que Portugal não é membro do sistema monetário do mundo, as importações de ouro para Macau são livres. Os importadores do ouro vendem-no a quem o queira comprar.»

«O Governo de Macau certa-mente controla as licenças dos importadores de ouro, e aplica uma taxa de três patacas de lucro em cada onça.»

«No último ano o tráfico do ouro chegou à bonita soma de \$80.000.000.00. Esta é uma boa razão da estadia dos portugueses em Macau.»

O sarcasmo com que o correspondente do «Chicago Daily News Service» se refere ao modo de viver de Macau, só redundam em elogio à nossa administração, que sabendo tirar partido das qualidades pacíficas dos chineses habitantes desta província, consegue manter a ordem, sem ferir susceptibilidades, dando ao mundo o maior exemplo da liberdade de crenças religiosas e ideias políticas.

Se a China Comunista fornece a Macau quase todos os seus mantimentos, é porque a província de Kuang Tung é rica em produtos e procura negociar o que lhe sobra, vindo, assim, em auxílio da população chinesa de Macau, em grande maioria muito superior à portuguesa. E' portanto este um negócio lícito que não merece reparo ou censura, a não ser dos mal intencionados, que infelizmente são muitos e não vêm o que se passa lá por casa. Ainda há pouco tempo alguns americanos que visitaram Macau, criticaram nas portas do Cêrco (fronteira) a vinda de mantimentos da China, quando a pessoa que os acompanhava lhes chamou a atenção para o caminho que os transportava e que era da marca «americana»!

Se bem que Portugal não tenha relações diplomáticas com a China Nacionalista nem com a China Comunista, não se pode evitar que qualquer destas facções políticas tenha o seu representante em Macau, desde que, como acontece, aqui se mantenham respeitadas as nossas leis e considerando a nossa soberania.

A afirmação de que, se os comunistas quiserem tomar Macau, nada podem fazer os nacionalistas, é deveras extravagante! Mas tomar Macau para quê, e porquê? Se o correspondente do «Chicago Daily News Service» subesse a história, não fazia afirmações desta natureza, porque conhecia as razões da nossa estadia neste cantinho da China, português há quatrocentos anos. A fundação de Macau não data da guerra dos Boxers, e tem raízes históricas e sentimentais que os chineses têm considerado e respeitado.

O facto dos nacionalistas terem dado um cocktail party num hotel pertencente a um sindicato pro-comunista, só mostra que os chineses, pelo seu espírito elevado, não se preocupam com insignificâncias deste jaez.

Parecendo estranho, nota-se e prova-se que o comunismo não tem adeptos em Macau entre os pobres e até entre a maioria da população, sendo muito poucos os comunistas. E se os ricos se manifestam comunistas, não é por convicção, mas por conveniência.

siasmada, mas sem provocações e dentro da maior ordem.

«Não obstante a moral católica e comunista, Macau vive do ouro e do jogo». Esta afirmação é a maior revelação da maldade da notícia transcrita no «Sunday Standard» de Hong-Kong! Que se entenderá por moral católica e comunista? Só um americano poderá fazer tal mistura, por que na América tudo se admite.

As receitas do ouro e do jogo figuram no orçamento, bem como as outras receitas da província, o que é patente ao público e não é segredo. Será isto digno de crítica?

A afirmação de que o tráfico do ouro é para Macau a maior receita, desde que o contrabando de material estratégico para a China deixou de ter lugar, é absolutamente fantástica! Não sabe o correspondente do «Chicago Daily News Service», com que armas se bateram os chineses na Coreia? Os do norte, comandados pelos russos, bateram-se com armas russas; e os do sul, comandados pelos americanos, bateram-se com armas americanas. E estando a Coreia (Norte e Sul) muito mais perto da Rússia e das bases americanas, era por Macau que se fazia o contrabando de material estratégico? Que falta de conhecimentos e de lógica revela este jornalista: Se procurasse inteirar-se da verdade, o que não seria difícil, honraria melhor as colunas do seu jornal.

Se Portugal não é membro do sistema monetário do mundo, que contas tem a dar das importações e das exportações que faz? Evidentemente que o Governo de Macau controla as licenças dos importadores do ouro, aplicando-lhes a taxa que entende — \$2,50 por onça, e não \$5,000 como afirma.

E para melhor efeito tirar da sua notícia, assegura o leviano correspondente que no último ano (1956), o tráfico do ouro chegou à bonita soma de \$80.000.000,00 (oitenta milhões de patacas!), e que esta é a única (?) razão da estadia dos portugueses em Macau!

No campo da mentira e da imaginação, a notícia publicada mostra-nos o quilate do «Chicago Daily News Service», e a má vontade para com Macau do «Sunday Standard», de Hong-Kong.

Em Macau, cidade acolhedora e pacífica, nunca o governo consentiu se fosse sequer menos cortez para com a administração da vizinha colónia britânica.

No ano de 1956 o rendimento do ouro auferido pelo governo da província de Macau, pouco mais foi de \$8.000.000,00 (seis milhões de patacas). E se fosse mais?

Quatrocentos anos são passados desde a chegada dos portugueses a esta província que os chineses deram a Portugal, em paga dos serviços prestados pelos portugueses que deram o seu sangue na defesa da costa de Che Kiang e do Kuang Tung, nesse tempo infestada de piratas visto que, segundo as crónicas chinesas da época, não podiam as autoridades do império pôr termo aos seus actos de banditismo. E a perda das autoridades chinesas, intervieram os portugueses e, assim, se conseguiu salvar a região das actividades desses bandidos organizados em quadrilhas de salteadores.

E muito mais poderíamos dizer se estivéssemos a escrever um livro e não um artigo para um jornal.

No entanto para terminar, não podemos deixar de dizer ao correspondente do «Chicago Daily News Service», que deve ser mais honesto na maneira como serve o seu jornal, dizendo sempre a verdade mesmo que lhe paguem para mentir.

José de Carvalho e Régio

Assinal e propagai «Notícias do Algarve»



DESPORTO

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

FUTEBOL

Almada, 2 — Farense, 2

O primeiro tempo terminou com os algarvios a vencer por 1-0. O golfo foi marcado aos 8 minutos por Vinagre, com um remate pleno de colocação, a dar adequado seguimento a excelente ofensiva da sua equipa, em que intervieram quase todos os dianteiros.

Na segunda parte, aos 6 minutos, os locais conseguiram a igualdade. Aureliano, a pôr termo a um momento de assédio às balizas do Farense desferiu um potente remate para o lado esquerdo de Isaacurido. Este ainda tentou evitar o tento, esboçando a defesa. Mas a bola levava efeito, tocando no solo antes de entrar, traindo, assim, o guarda-algarvio e anichando-se nas redes.

Aos 11 minutos o Almada colocou-se em vantagem. Descida perigosa pelo centro do terreno, Aureliano, não tendo à sua frente campo para visar a baliza tocou o esférico para Martins, que com um chute seco, a um canto, fez o golfo.

Os algarvios replicaram imediatamente, e passados dois minutos alcançaram a bola do empate (2-2), com que terminou o prélio.

O tento nasceu de um «canto» marcado por Queimado. O couro foi cair em Realito, que, rapidamente o entregou a Balela. Este com um oportuno golpe de cabeça bateu Rosa sem apelo.

Portimonense, 4 — Estoril, 0

O jogo começou com o Portimonense abertamente ao ataque, infiltrando-se os seus avançados, com certo perigo, na defesa contrária e chegando a criar situações de apuro aos estorilistas.

Esta situação manteve-se até aos primeiros 10 minutos iniciais, Mas, pouco depois, os avançados locais abandonaram de rendimento, em virtude de uma lesão sofrida pelo jogador Romão.

Os visitantes, beneficiando deste facto, apareceram, então com mais frequência junto da baliza de Daniel, sem, contudo, criarem perigo, em face do acerto com que actuava a defesa.

Perto do final do primeiro tem-

po, o Portimonense viu-se reduzido a nove unidades, pois Alexandrino, em choque com um defensor do Estoril, lesionou-se bastante.

Olhanense, 4 — Montemor, 0

Em contraste com a excelente exibição feita pelo Olhanense no passado domingo, em Faro, a equipa local deixou ontem no estádio Padinha a todos desiludidos. Perante a equipa montemorense, plena de juventude e fragilidade, jogando e deixando jogar, a exibição dos locais foi deficiente. Dominou, sem dúvida, longamente, pois basta dizer-se que pelo menos 60 minutos foram jogados dentro do meio campo defendido pelo Montemor. Apesar disso, o jogo desenvolvido foi demasiado confuso, estando em grande plano o conjunto Vinício-Simões-Costa, acompanhados por Sílvia, mas no que respeita ao jogo desenvolvido por Poeira e Cava, este deixou muito a desejar. A retenção da bola por parte de Cava em jogadas que requeriam rapidez tornou-se prejudicial. Frazão, Leonel, Narciso e, especialmente, Rui Lopes, em descidas rápidas e bem urdidas, deram que fazer a Abade. O Olhanense encontrou na defesa visitante, reforçada, um obstáculo difícil de transpor.

Os olhanenses fizeram alguns vistosos lances de ataque, mas falhos de objectividade. A falta de Parra fez-se sentir.

Classificação

Table with 2 columns: Team Name and Points. FARENSE 25, Olhanense 23, Portimonense 20, F. C. Serpa 20, Juventude 20, Atlético 18, Montijo 18, Desportivo de Beja 17, Arroios 16, Coruchense 14, Estoril 11, Almada 9, Portalegrense 8, Montemor 6.

Villarrealenses, amigos do Lusitano, colaborem na Campanha dos 1.000 sócios

Campeonato Regional do Algarve

COM O EMPATE DO PASSADO DOMINGO

O LUSITANO É CAMPEÃO REGIONAL

Disputaram-se, no passado domingo, dia 22, os jogos respeitantes à penúltima jornada do Torneio de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão, tendo-se registado os resultados seguintes:

D. S. Brás, 1 — Lusitano, 1; Louletano, 0 — U. Sambrasense, 2; Esperança, 0 — Silves, 6

Desp. S. Brás, 1 — Lusitano, 1

O Lusitano conseguiu passar mais um obstáculo na sua deslocação a S. Brás, pois conseguiu arrecadar mais um precioso ponto, opondo-se com «garra» à briosa equipa do Desportivo, consagrando-se já Campeão Regional.

O empate que se registou no final do encontro está certo, pois ambas as equipas se entregaram a luta com muita vontade, procurando até final o tento da vitória, que aliás não conseguiram, e assim terminou o prélio com as equipas empatadas 1-1.

O tento do Lusitano foi alcançado por o seu extremo-direito Ramires.

O Lusitano apresentou a seguinte constituição:

Abraão; Daniel, Antunes e Ismael; Padesca e Parra;

NOVO JOGADOR DO LUSITANO

Brevemente alinhará pela equipa do Lusitano Futebol clube o guarda-redes Gomes da Costa, que foi gentilmente cedido pelo S. C. de Braga, ao grupo local.

Ramires, Marco, Vitoriano, Salvador e Ludgero.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

Table with 2 columns: Team Name and Points. LUSITANO 14, Silves 11, Desp. S. Brás 10, U. Sambrasense 10, Louletano 6, Boa Esperança 5.

jogos para hoje:

Lusitano - Louletano; U. Sambrasense - Boa Esperança; Silves - Desp. S. Brás

CAMPONATO DISTRIAL DE JUNIORES

Os resultados do passado domingo foram os seguintes:

Olhanense, 7 — Lusitano, 0; Farense, 8 — U. Sambrasense, 0

Foram marcados para hoje os seguintes jogos:

Lusitano - U. Sambrasense; Farense - Olhanense

Estes jogos têm início às 11 horas.

As mais lindas Rosas de Portugal

As mais famosas árvores de fruto

Advertisement for plants and fruits, including 'PLANTAS AS NOSSAS ARVORES E COLHEREIS OS MELHORES FRUTOS' and contact info for Rua D. Manuel II, 55 - PORTO.

LOULÉ — o seu último conde e o seu primeiro duque

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

te D. Miguel eram a alma e a vida do partido conservador e o Marquês de Loulé fora conselheiro fiel do rei, convido, por tanto, aos seus inimigos políticos fazê-lo desaparecer.

D. João VI, vindo para Lisboa, em 1821, jurou a constituição do Porto em 1822 e fixou residência na Quinta do Ramalão, em Sintra, à Rainha D. Carlota Joaquina, por esta não concordar com ele sobre política.

Em 1825, mãe e filho, a rainha e D. Miguel, promoveram uma revolução conservadora, em Vila Franca, em Maio, com o fim de deporem o rei, ficando ela regente do reino.

O Conde de Loulé, sabendo que a grande massa de oficiais, do antigo regimem ali concorreriam, fez com que o D. João fosse também e aprofundasse francamente o seu acto. Foi assim que continuou a ser rei, ficando D. Miguel comandante em chefe do exército. Os ódios contra o valido do monarca tinham-se exagerado extremamente e os partidários do infante D. Miguel convieram todos em desfazerem-se o mais depressa que pudessem, do marquês de Loulé. Falta-lhes apenas uma oportunidade e urgia procurá-la sem demora.

Em fins de Janeiro de 1845 D. João VI resolveu ir passar o Carnaval em Salvaterra de Magos. O Marquês acompanhou a corte, como de costume, no exercício do seu cargo no paço, havendo poucos dias antes recebido a nomeação de estribeiro-mor, a última graça que lhe foi concedida.

No dia 28 de Fevereiro, tendo saído do teatro primeiro que as outras pessoas, seguiu após si D. Miguel. Atrás do infante muito desfarçadamente, seguiam o Marquês de Abrantes e um célebre Leonardo que era ou fôra sota-cocheiro da Casa Real e um campino; seu amigo...

Do teatro para o quarto do rei e para o resto do palácio, ia-se por um corredor por onde saiu o infante e as mais pessoas que com ele tinham ficado atrás. Todos se precipitaram-se ali sobre o Marquês de Loulé, lançando um pesado cobertador de lã sobre a cabeça, assassinando-o em silêncio, por estrangulamento.

O Marquês de Loulé deixou um filho com 19 anos de idade, afetos de cavalaria, chamado D. Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto, que nasceu em 1804 e fôra educado no Colégio Militar.

No dia imediato à trágica morte de seu pai, D. João VI investiu D. Nuno em todas as honras e dignidades, iniciando nesse mesmo dia, 1.º de Março, o seu serviço no paço.

Na gazeta de Lisboa, de 2 de Março de 1824, pag. 224, lê-se o seguinte: S. M. querendo dar um testemunho da sua real saude pelo marquês de Loulé, gentil homem da sua câmara e cujos serviços lhe foram sempre muito

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que José Veríssimo Rodrigues requereu licença para instalar uma oficina de construção naval em madeira (estaleiro), incluída na 2.ª classe, com inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada na Barreta, freguesia e concelho de Olhão, distrito de Faro, confrontando ao norte, nascente e poente com o Largo da Feira e ao sul com a Ria de Olhão.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 25 de Dezembro de 1957

O Eng.º-Chefe da Circunscrição, João António da Silva G. Martins

gratos, houve por bem fazer mercê a seu filho, o conde de Vale de Reis, e marquês de Loulé, de todos os bens da coroa e ordens que possuía o 1.º marquês seu pai, tendo-lhe o mesmo senhor outro sim feito a graça de o chamar para o serviço, junto de sua real pessoa, na qualidade de gentil homem de sua câmara.

Por carta régia de D. Pedro IV, datada do Rio de Janeiro de 50 de Abril de 1826, foi eleito par do reino o Marquês de Loulé. Era um dos mais belos e distintos fidalgos do seu tempo e de uma educação esmeradíssima e de uma afabilidade que lhe atraía a estima e a simpatia de todas as pessoas com quem tratava.

A 15 de Dezembro, de 1828, casou com a infanta D. Ana de Jesus Maria, filha do rei D. João VI e de D. Carlota Joaquina. O casamento realizou-se em parte clandestinamente na capela do Palácio de Queluz, autorizado todavia, por Carlota Joaquina a quem o infante D. Miguel obedecia cegamente, mas assim o noivo, a título de viagem partiu com a infanta, em 5 de Janeiro de 1828, com destino a França, numa excurção pelas capitais da Europa.

D. Miguel regressou a Lisboa, em 22 de Fevereiro e já os não encontrou, ficando por isso furioso. O Marquês de Loulé passava em 1830 nas ruas de Paris, e sua beleza e distinção produziu tamanho assombro nas grandes massas cultas que os jornais da cidade se reuniram e outorgaram-lhe o prémio do «homem mais belo do mundo», no seu tempo!

Outro tanto disseram dele as memórias do príncipe russo Lisnovisty em 1840. Em 7 de Abril de 1831, quando D. Pedro IV sofreu a demissão de Imperador do Brasil, estava o duque no Rio de Janeiro. No dia 6 já ficara com a imperatriz na nau Worspite, que o trouxe para Londres, a pedir ao rei de Inglaterra que reconhecesse reis de Portugal a ele e a sua segunda mulher, deixando ficar a rainha Menina, D. Maria II seu tio e a esposa, acompanharam-na a Paris, onde completou a sua esmerada cultura.

Quando D. Pedro IV foi combater os conservadores nos Açores, o conde foi juntar-se-lhe, sendo promovido, não a merechal como Saldanha, mas a tenente, em 1832. Entrando em Lisboa a divisão de Algarvios, comandada por Terceira, foi a Paris buscar sua sobrinha para ser rainha sendo pela qual nomeado presidente do ministério e Duque de Loulé, D. Pedro IV criou o partido conservador chamado pedrista, e demitiu o cunhado e o seu ministério liberal.

O Duque de Loulé reorganizou o Partido Liberal, que chefiou até à sua morte, em 1875, odiado por todos os políticos; os conservadores porque sendo nobre se fez democrático, os liberais por ser imensamente rico.

Hoje nada resta dele. A Quinta de Quarteira foi parar às mãos de um novo rico. A única coisa que recorda o seu nome, é a mais elegante avenida de Lisboa, Duque de Loulé, onde se construiu o mais opulento dos hotéis do país, que recebeu o nome de Embaixador.

Sousa Nunes

FALECIMENTOS

João Pedro da Graça

Em Lisboa onde residia, faleceu no dia 25 do corrente o sr. João Pedro da Graça, oficial da Marinha Mercante de 61 anos de idade, casado com a sr.ª D. Natália da Nazaré Nogueira.

O extinto era pai da sr.ª D. Zilda Rodrigues da Graça e do sr. José Rodrigues da Graça.

A família enlutada, o «Notícias do Algarve» apresenta os seus sentidos pesames.

Vila Nova de Cacela—No passado dia 21, faleceu na sua residência, no sítio do Buraco, desta freguesia, a sr.ª D. Maria do Carmo Munhoz André, de 69 anos de idade, casada com o proprietário sr. Manuel da Palma André.

A finada era mãe do sr. José Munhoz André, chefe da estação dos C. T. T. desta vila e da sr.ª D. Maria Isabel Munhoz André Pereira, respectivamente casados com a sr.ª D. Albertina Gil André e Manuel Mateus Pereira, comerciante e construtor civil.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local, que foi muito concorrido. Estes serviços estiveram a cargo da agência Gambito.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

Advertisement for 'NOTÍCIAS DO ALGARVE' newspaper, highlighting its expansion and popularity across economic and social sectors.

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

AUTO-CONHECIMENTO

É essencial que pratiquemos o auto-conhecimento, para cultivarmos, ao máximo da perfeição, as nossas virtualidades.

Não podemos realizar o milagre de transformar madeira em marfim. E, para trabalharmos a madeira, não usaremos da técnica que utilizamos no marfim. Para sermos bem sucedidos, como artistas do marfim ou da madeira, do alumínio ou do aço, importa que conheçamos as propriedades específicas de cada uma dessas substâncias.

AUTO-ESCULTURA

Geralmente, não herdamos virtudes nem virtudes. O que recebemos dos nossos progenitores, é a matéria prima para irmos a ser viciosos ou virtuosos.

Estará, depois, em boa parte, nas nossas mãos, o virtuosismo a ser, ou criaturas repelentes, ou santos dignos de se colocarem, e adorarem, num altar.

Filosofo esta só válida, bem entendido, para pessoas normais. As anormais não dispõem de si. O peso da má hereditariedade e a força das circunstâncias é que dispõem delas.

MATERNIDADE

Só o pensar em vir a ser mãe é já, para a mulher, uma atitude de auto-protecção moral.

Gerado o filho, e ainda mesmo antes de nascer, já ele está protegendo a mãe. A maternidade é boa conselheira, presta a mulher aos seus próprios olhos e aos olhos de estranhos. A maternidade é um salvo-conduto moral e social para a mulher. O filho protege sempre a mãe — até mesmo quando ele precisa de ser protegido por ela.

CORPO E ALMA

Corpo e alma, alma e corpo não constituem sistema de compartimentos estanques, mas um todo. O físico e o espiritual são solidários, em nós. O mal e o bem à face nos vem. A alma retrata-se no corpo, o corpo retrata-se na alma. Há ressonância recíproca do corpo para a alma, e desta para o corpo.

Quem faz terapêutica da alma, é como se do corpo a estivesse fazendo. E quem do corpo cuida, da alma cuidando está.

Toda a educação tem que ser integral; nem só voltada ao físico, nem só voltada ao espiritual, mas aos dois aspectos conjuntamente. Deus que nos deu corpo e alma não quer que deixemos para trás nem o corpo nem a alma, mas antes que os ponhamos a colaborar reciprocamente, para erguerem de pé o homem perfeito.

EXEMPLO

Recolhe exemplos quem exemplos semeia. Não há magistério mais vivo, mais sugestivo, mais criador do que o do exemplo. Exemplo que vai à frente é como a candela que à frente segue: alumia duas vezes. O exemplo é doutrina corporizada, humanizada, com um poder de eloquência que as palavras nunca possuem. O exemplo é contagioso. Nada fazemos impunemente; as boas ou más acções que praticarmos terão sempre ressonância noutras boas ou más acções praticadas por aqueles que, mais ou menos conscientemente, nos tomam como paradigmas.

Anuncia neste jornal de grande expansão em todo o País.

RETRATO PARA TI

Na tua face brilha a confiança, no teu olhar há sóis por descobrir. O teu sorriso é símbolo de esperança, na vida, melhor vida, do porvir.

Teu andar, decidido, em breve alcança o caminho onde há rosas por abrir... O teu querer não teme, nem se cansa, quando existe um dever para cumprir.

E's mulher. E és beleza repousante. Podias ter milhoas viver brilhante, e rodas de senhoras a teus pés...

Mas preferes viver o duro lado... E's pura como o lírio imaculado. — Gosto de ti, por seres como és!

A. VICENTE CAMPINAS

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Director
João A. Dias Pena
Editor e Proprietário
Armando R. Cruz

OCTÁVIO DE CAMPOS
— O ESCRITOR E O AMIGO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cista. E' Redactor - Correspondente das revistas «Revue Independante», da França, e da «Império» de Lourenço Marques; delegado em Portugal do «Syndicat des Journalistes et Ecrivains» e do «Office Français d'Informations Culturelles et Sociales». Nasceu em 1917 na cidade da Beira (Moçambique). O labor tem sido no entanto do domínio pró-Império. O estudo sobre causas tão humanas absorve Octávio de Campos, assim; publicou: «A última sessão camarária da vila de Olivença» (2.ª edição); António Sardinha; Da Estética Crítica de um Suíço (juízo profundo sobre a obra do prof. Emile Schaub-Koch); O Império e a Música; Palavras de Fé; Dois Construtores do Império e Notas sobre a cidade da Beira. Também na Rádio, como conferencista, Octávio de Campos segue uma actividade literária.

Condecorado com um Diploma pelo Ministério da Educação Nacional da Republica de Cuba, é também membro honorário de diversas instituições do Brasil e E. U. A.

A viagem sempre apaixonou o escritor e, Octávio de Campos, um ultramarino, não deixou fugir este sonho e necessário ao escritor. Conhece os oceanos Índico e Atlântico, todas as nossas provincias ultramarinas situadas em A'frica, a ilha da Madeira, a União Sul Africana e a Espanha, onde esteve como correspondente de guerra em 1936 durante a guerra civil de Espanha. Octávio de Campos reúne o verdadeiro cunho de escritor, de humano.

Foi director do extinto Gabinete de Imprensa Alentejana da Casa do Alentejo onde contribuiu bastante para a divulgação de nomes alentejanos como Florbela Espanca. E a facilidade e o convívio que o escritor daí mantém, José Duro, Fernando Pessoa e Florbela são nomes amplamente apreciados por Octávio de Campos senhor dum bom sentido critico.

Ainda do seu valor como representante em Portugal; E' redactor-correspondente da revista Le Bayon, dirigida pelo prof. Jules A. Vern; publicação da Univer-

sidade de Houston, E. U. A.

Distinguido pelo consagrado escritor francês Robert Filliate, que lhe solicitou autorização para traduzir e publicar dois dos seus livros. Também o escritor Gaston Aufrère, de Bruxelas, lhe faz idêntica solicitação. E finalmente o escritor e poeta espanhol Angel Crespo publica traduzido para espanhol um estudo de Octávio de Campos «A Arte Negra em Moçambique».

Uma vida dedicada às artes e às letras. Octávio de Campos é também o amigo, o camarada. Humanos poder-se chamar os seus doctores invulgares até nos tempos idos. E' que Octávio de Campos é também um escritor artista no amar a sua geração, o seu semelhante. Espirito lúcido de escritor e amigo.

Francisco Gota

A tiragem e a expansão de «Noticias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

MENOS TEMPO
PARA SER UTIL!...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Assim, e por tal, cada um, procura na jornada a ilusão, o atordamento, recusando-se a examinar o seu próprio caso, preferindo encontrar em datas certas, pontos de partida para o desconhecido, sem análise do que aconteceu até ali.

Se o fizesse verificaria quanto tinha deixado de ser útil, constataria do numero de possibilidades perdidas no campo social, a incoerência de tantas atitudes, a mediocridade de certas afirmações.

E, como é mais simples fechar os olhos á luz do que encará-la, sabe bem esperar que o Ano Novo, ignorante da vida do mais velho, seja pródigo em dádivas e amabilidade.

E, para cativá-lo, corre o vinho fresco e saltitante há no ar feéricas girandolas, sirenes, abraços, numa palavra, festim, pois, como diz o povo, enquanto dura, vida doçura...

O pior é que não se consegue voltar atrás e fazer parar o tempo que cada vez é menor para sermos úteis...

Júlio Padesca

A FAUNA HUMANA...

Vocações Erradas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

drama da sua vida com assomos de tristeza, quase secumbido e profundamente magoado com a renúncia da filha no curso médico.

A lei dos contrastes é terrível nestes conflitos familiares, lançando os seus componentes para campos opostos. Os extremos tocam-se e a força do amor suplantam tudo, com violência ou ternura. A mulher é no casamento de feição que se torna absoluta; o homem é na escolha da profissão que vence a teimosia dos pais.

Conheci, porém, um magistrado que foi juiz em Monchique e Portimão que desobedeceu ao pai e à mãe para casar com uma pupila pobre que sua mãe, á falta de uma filha, levava para a sua casa de Braga.

Magistrado, correcto e sabedor, foi mais tarde governador civil de Lisboa, desempenhando esse lugar com agrado e competência.

Em umas férias grandes, disse ao pai que estudaria para médico, visto ser a sua vocação. O pai, amigavelmente, observou-lhe que preferia vê-lo Juiz de Direito, pois fora o ideal que o acalentara para o seu único filho...

O estudante, curvando respeitosamente a cabeça, respondeu: — Esteja sossegado o meu querido pai, que o seu filho saberá respeitar o seu ideal!

Assim procedeu este filho para agradar ao pai, mais, particularmente, estudava medicina para saber um pouco da ciência que mais o fascinou.

Vocação oposta ou torcida seguiu este filho exemplar, para no amor oculto de uma pupila da mãe não transgír um palmo sequer... E' que a lei misteriosa do Amor suplantou todas as leis físicas, morais e sociais!

Em Portugal, no século passado, um pai impôs ao filho a ida para Lisboa a fim de estudar o curso médico. Foi e agarrou-se aos livros. Estudou e bocejou. Escreveu um folhetim no rodapé da «Revolução de Setembro», que agradou imenso.

Escreveu mais folhetins espirituosos, que foram agradados. Estava talhado o seu destino.

Um farmacêutico de Leiria também quis que o filho fosse médico. Veio para Lisboa e entrou na antiga Escola Médica—Cirúrgica, mas esbarrou em algumas cadeiras. Porquê? Esse rapaz andava de dia e de noite agarrado aos livros... Só estudava a metrificacão do cego Castilho, os sonetos de Antero e os alexandrinos de Hugo! Tudo o mais, para ele, não passava de farelório e papas de linhaça...

O pai suspendeu-lhe a mesada, e o filho, indignado, tornou-se um funcionário aduaneiro e poeta conceituado. Chamava-se Acácio de Paiva e fez versos inspirados até a Porca o chamar a contas...

No Algarve há também muitas vocações opostas, torcidas ou desfiguradas. Poucos são os que querem ser, entrando nesse número dois sobrinhos meus e eu próprio.

O meu sobrinho mais velho concorreu a um concurso na Escola Naval. Foi regeitado por falta de vista. Preparou no mesmo ano nova documentação para a Escola do Exército.

Foi aprovado por ter óptimo físico e boa vista.

Ele e o irmão mais novo haviam combinado irem os dois para a Escola Naval.

Devido ao primeiro, o segundo mudou de opinião, tanto mais que eram dois desportistas de valor, especializados em natação.

São presentemente dois distintos oficiais do Exército, como seriam da Armada se os concursos e exames não fossem eivados de pedidos e cunhas...

A minha paixão pelo Mar foi de nascença.

Meu pai tornou-se um resolutu marinheiro, afrontando os maiores perigos com firmeza e coragem.

Nunca contemplei o Oceano sem que o nome de meu pai fluísse imediatamente no meu espirito. Fizemos algumas viagens juntos e juntos vivemos horas dramáticas e perigosas.

No entanto, 35 anos após o seu falecimento a sua imagem era recordada nestes versos carinhosos:

Herdei, suponho, os nervos de [meu pai] Impregnados dum ritmo soberano;

Figuras da actualidade

ROBERT LACOSTE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

disputa porque o odio permanecerá latente e a luta reacender-se-á quando o vencido recuperar forças para reiniciar a luta.

A boa vontade, a inteligência ou sagacidade de Lacoste — ou de qualquer outro — não bastará.

Teto e linóleo de José dos Santos Marques



ESTA talvez seja a «sinfonia da cautela» — mas acreditem que é e será sempre uma sinfonia incompleta. A talada do Natal deixou já de apoquentar os que nela tinham posto os olhos sonhando com um amanhã diferente. Hoje, restam as cinzas, um amargo de boca como qualquer outro — dos muitos que por ela já passaram.

E quem não quereria os doze mil contos? Ah! até os cento e vinte, os cinquenta, os vinte contos — chegavam! E mesmo os dez, os cinco contos ou os quinhentos escudos, apenas. E, quem desmente?, os próprios vinte escudos e um novamente no bolso — não era nada mau, não senhor. Todavia, para muitos sonhadores de mil e uma noite, o dinheiro disse adeus á carteira — e nunca mais voltou!

Conheço alguém que na vésperas comprou uma cautela; é um jovem sonhador que não é poeta. Por ironia do destino ou pela voz do Diabo — era aquela a última cautela na mão do cauteleiro.

Ele passou, ouviu o número, mas não a comprou. Andou uns passos e pensou. Tornou a andar e a pensar. E se... — comprou a cautela. Cuidadosamente guardou-a entre a papelada da carteira e, por duas ou três vezes, abriu a carteira e olhou-a cá do alto — não fosse ela desaparecer. Apressou o passo e quase espiñhando ultrapassou a esquina da rua; o gentio que se lhe agar

rava a roupa e ao corpo nem o deixava caminhar sequer. E quando a fim se viu livre de tal confusão, a mão de novo se lhe prendeu no bolso e os dedos tactearam a carteira. Ainda lá estava — e com ela a cautela.

Mal chegou a casa, sorriu para para tudo e para todos. Olhou os móveis, as cadeiras, os quadros, as flores murchas das jarras, e pensou que já era tempo de comprar outra mobília. Continuou a sorrir e igualmente pensou na casa. Era assim mesmo: uma casa. Uma casa onde pudesse viver sem a preocupação de pagar a renda. Uma casa sua. E de cujas janelas avistasse os campos e as árvores e os pássaros nestas chilreando. E nas traseiras da casa uma garagem para o «seu» automóvel. E por que não?

Mas, cento e vinte contos, cento e vinte notas de mil, chegariam para uma mobília, uma casa um automóvel? Era o Diabo! — tinha de reduzir aquilo; só a casa lhe levava o dinheiro. E teria que participar a vários amigos, oferecer-lhes um lanche, mandar vir alguns parentes da terra, enfim. Não, não compraria o carro; naquele terreno destinado á garagem faria um quintal.

E uma viagem até Espanha? Ah! Só lá passara um dia e tinha as pesetas todas contadas dentro do bolso. Agora, oh!, agora era só deitar a mão e tirá-las cá para fora. E quem diz Espanha, diz França, Itália... Itália com o seu neo-realismo!

Contudo, tinha que pensar numas pequenas compras: dois fatos, uma gabardina, um subretudo, dois pares de sapatos, seis camisas, seis gravatas... e por que não compraria ele o bilhete inteiro? Doze mil sempre tinham mais zeros do que cento e vinte contos!

A cara dos amigos quando ele lhes confessasse: «sabem, estou rico, imensamente rico; tenho cento e vinte contos!» E logo lhe batiam nas costas com palmadinhas amigáveis, e lhe gritavam: «pagas alguma coisa?» — e outros quase num murmúrio, lhe diziam: «empresta aí tanto o pá!» E quando ele aparecesse com um dos fatos novos e o sobretudo e os sapatos, rodeavam-no e perguntavam-lhe: «onde vamos hoje?» Não, ele não dizia nada a ninguém.

Nessa noite, quando enfim se deitou, sonhou a noite inteira com os cento e vinte contos; diversas vezes se contorceu numa convulsão nervosa e abriu os olhos para olhar ao relógio. E, finalmente, o dia grande — o mensageiro de um amanhã melhor.

...E quando foi rebater a cautela mordeu os lábios até fazer sangue. O homem traçou-a com um lápis azul e disse-lhe secamente: «Não tem nada!»

E aquele traço azul sobre a cautela parecia-lhe um grotesco palhaço a rir, a rir, a rir-se-lhe na cara que o olhava espantado, e, nessas estrondosas gargalhadas, gritava-lhe: «Não tem nada!»

Emilio Valongo

SORTEIO DA «CASA DOS RAPAZES»

Relação dos números premiados no sorteio realizado em 20 do corrente, promovido pela «Casa dos Rapazes», de Faro:

- 1.º Prémio, Aparelho de rádio Philips, n.º 25.181; 2.º, Bicicleta «Seta Popular», n.º 75.726; 3.º, Máquina de costura «Singer», n.º 29.713; 4.º, Máquina de lavar roupa «Servis», n.º 30.654; 5.º, Fogão Gazcilda, n.º 13.728; 6.º, Bicicleta normal «Perfecta Veloço», n.º 36.110; 7.º, Fogareiro gazcilda, n.º 59.136; 8.º, Bicicleta normal s/ marca, n.º 34.772; 9.º, Miniatura de um barco, n.º 45.261 e 10.º, uma máquina fotografica «Penguin», n.º 25.622.

Marcos Algarve

Visado pela Comissão de Censura

SINDICATO NACIONAL DOS Motoristas Marítimos e Fluviais DO DISTRITO DE FARO

Deseja aos seus Ex.ºs Sócios e sua Família, Festas Alegres e um Ano Novo próspero.